

JB 6/5/74
*Mudança de índios reabre
polêmica sobre habitat*

Edilson Martins
Enviado especial

Belém — A transferência, prevista para este mês, dos índios kreen-akarores do rio Peixoto de Azevedo para o Parque Nacional do Xingu, vai reabrir uma polêmica que só muito futuramente poderá ser resolvida: a retirada de um grupo indígena de seu habitat natural constitui sempre, na opinião do sertanista Fiorello Parise, uma iniciativa temerária, e que precisa ser exaustivamente estudada, antes de posta em prática.

Fiorello Parise, sertanista da Funai, de nacionalidade italiana e com curso superior na Sorbonne, há mais de quatro anos vive em contato direto com os índios brasileiros. Sua última missão foi com os kreen-akarores, quando tentou minimizar os erros e violências cometidos por Antônio Campinas, que se tornou tristemente famoso por ter, segundo acusação de colegas seus da Funai, introduzido o homossexualismo entre esses silvícolas.

A APROXIMAÇÃO

Os índios kreen-akarores, foram contactados pelo sertanista Cláudio Vilas Boas em dezembro de 1972, depois de um trabalho que se estendeu por 18 meses, acompanhado por 60 índios caia-bis, txukaramães, jurunas e suias. Inicialmente acreditava-se que esses índios seriam gigantes, dado o tamanho de seus arcos e o peso de suas bordunas. Mais tarde, depois do trabalho de atração concluído por Cláudio Vilas Boas, verificou-se que apenas um pequeno grupo possuía uma estatura realmente alta em termos de grupo indígena.

Naquela ocasião a Funai, presidida pelo General Bandeira de Melo, que discordava frontalmente da política indigenista defendida pelos irmãos Vilas Boas, aplicava uma estratégia de silêncio, senão mesmo de hostilidade, em relação a Cláudio e Orlando. A situação era tão ostensiva que, tão logo Cláudio Vilas Boas concluiu a atração dos kreen-akarores deixou a área dos rios Peixoto de Azevedo e Teles Pires, retornando às pressas para o Parque Nacional do Xingu.

Logo depois o sertanista Apoena Meireles era enviado para junto dos kreen-akarores tentando assim dar continuidade ao trabalho de Cláudio Vilas Boas. Não demorou mais de dois meses na área, e Apoena Meireles deixava esses índios, que se encontram no traçado da estrada Cuiabá—Santarém (BR-165).

Depois de contactado, um grupo indígena se torna facilmente vulnerável a qualquer aproximação com civilizados. Como na área em que eles se encontram passa a Cuiabá—Santarém, a Funai cuidou logo de enviar outros sertanistas para substituir Apoena Meireles, e preservar assim os kreen-akarores de qualquer contato temerário com civilizados. Ai então começa o lamentável e de certa forma trágico episódio entre esses índios e o sertanista Antônio Campinas.

O EPISÓDIO

Antônio Campinas, sertanista da Funai, recebeu então a incumbência de se dirigir à área onde se encontram os kreen-akarores, juntamente com outros sertanistas da entidade. Meses depois os jornais divulgavam trechos de um relatório em que Campinas era acusado de introduzir o homossexualismo entre esses índios. O prestígio de Antônio Campinas era tanto na administração do General Bandeira de Melo, que o autor da denúncia chegou inclusive a ser punido com 15 dias de suspensão, enquanto ele foi apenas afastado de junto desses índios.

O que a imprensa não divulgou, mas sertanistas da Funai não ignoram, é que Campinas não introduziu apenas o homossexualismo, como também estabeleceu relações heterossexuais com as mulheres índias. Tudo leva a crer que sim, uma vez que Fiorello Parise, ao chegar junto aos kreen-akarores, teve que convencer os capitães da tribo de haver assassinado Antônio Campinas, do contrário sua segurança pessoal corria sérios riscos. Para os capitães da tribo exigirem

isso, eles que são de índole invariavelmente pacífica, é porque certamente reagiam contra a intromissão em sua vida familiar.

Durante os meses em que Fiorello Parise permaneceu entre os kreen-akarores muita coisa pôde ele observar e descobrir. Por exemplo, os pajés curam os doentes utilizando-se de uma miniatura de arco e flecha, com ponta de osso. Sangram com a ponta da flecha a área do corpo doente, atritam demoradas vezes, o que termina quase sempre resultando na cura do paciente. Fiorello observa que essa pajelança pode assumir um aspecto folclórico para o civilizado, mas ele pessoalmente às vezes tem tido melhores resultados com essa prática do que mesmo recorrendo a nossa medicina legal.

PERIMETRAL

Antes de se dirigir aos kreen-akarores Fiorello Parise esteve trabalhando na Perimetral Norte, dando cobertura aos operários e pessoal técnico que ali se encontra. Parise participou da frente de atração da Funai em busca de contactar índios da região do rio Amapari. São os índios uiapiis, e o trabalho de Parise e sua equipe se revestiu de inteiro êxito.

Inicialmente eles instalaram um acampamento no encontro do rio Ita com o Igarapé Onça, nas proximidades de Perimetral Norte. A frente de atração conseguiu contactar 60 índios uiapiis sendo que a aproximação foi tão bem sucedida que dias depois os índios auxiliavam a equipe da Funai no trabalho de desmatamento.

Os uiapiis pertencem ao grupo linguístico tupi-guarani, com profundas semelhanças com os urubu-kaapor. São seminômades, mas aonde se instalam temporariamente introduzem roças, praticando então uma economia de subsistência. Como não poderia deixar de ser, em grupo tão primitivo, não existe excedente de produção. Conhecem e cultivam mandioca, batata, banana, milho, cana-de-açúcar, abóbora, mamão, algodão e tabaco. Não chegam a ter casas, mas tapiris, cobertos com folhas de tucum. Quando morre um índio da tribo, é enterrado dentro do próprio tapiri, em posição horizontal. Logo depois o tapiri é abandonado, desviando-se dele o caminho principal para a aldeia.

TRANSFERENCIA

Quanto à transferência dos kreen-akarores para o Parque do Xingu, já que aonde se encontram estão ameaçados de extinção, dado a proximidade com frentes pioneiras de civilizados, Fiorello Parise acha que a medida tem que ser tomada com bastante cuidado. Em sua opinião é sempre uma temeridade retirar uma tribo de seu habitat natural e lançá-la noutra área, por mais rica e fértil que seja. Entra em questão aspectos ecológicos, e culturais. Toda aldeia tem sua cultura própria, com seus costumes, sua especificidade. Há ainda o fato onde eles se encontram. Geralmente é uma região mítica, que explica a criação da tribo, com delicados e profundos aspectos sagrados.

Entretanto Fiorello Parise reconhece que onde se encontram os kreen-akarores é que não podem permanecer. As frentes pioneiras de civilizados da BR-165 não estão de forma alguma preparadas para qualquer contato com grupos indígenas. Riem dos índios, fazem galhofas, transmitem diferentes doenças, desde o sarampo até mesmo a tuberculose, que eles em séculos de existência desconheciam, quando não desrespeitam criminosamente suas esposas e filhas. Quando esteve junto aos kreen-akarores, Fiorello chegou mesmo a se deslocar até a região mítica desses índios, e aí pensou em aconselhar a Funai a fixá-los nas proximidades.

Os irmãos Vilas Boas acreditam que ainda este mês os kreen-akarores sejam transferidos para o Parque Nacional do Xingu. Eles deverão permanecer entre os postos Leonardo Vilas Boas e Diauarum, isto é, entre o Alto e Baixo Xingu. Inicialmente se utilizarão das roças dos índios cajabis.